



ANN KATHERINE CAMPOS
Jurista da Ordem dos Contabilistas
Certificados
comunicacao@occ.pt

Máquinas de vending – o que é doce sempre amarga



Entrou em vigor no passado dia 7 de junho o despacho do Ministério da Saúde que proíbe as entidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS) de disponibilizarem “produtos prejudiciais à saúde”, através das máquinas de venda automática. Na sequência do qual os centros de saúde, hospitais e unidades locais de saúde ficam com seis meses para proceder à revisão dos contratos em vigor, no sentido de se conformarem com o previsto no referido despacho – desde que tal não implique o pagamento de qualquer indemnização ou penalização.

A lista é vasta. Inclui bolos, guloseimas, pastelaria em geral, salgados, charcutaria, batatas fritas, aperitivos, snacks em geral, refrigerantes, sobremesas, refeições rápidas e bebidas com álcool. Assim, reduzindo o acesso rápido a alimentos com excesso de calorias e/ou açúcar, sal e gorduras trans, pondo em prática a medida apresentada em maio na

O problema parece global e é um efeito secundário e apanágio dos ditos “países desenvolvidos”. Tão “desenvolvidos” que nalguns é mais fácil comprar uma arma de fogo do que um abacate biológico. Nos Estados Unidos, por exemplo, onde se abusa dos açúcares e comida processada e há restaurantes de fast food em todas as esquinas, a obesidade é já considerada uma epidemia pelos especialistas do sistema de saúde americano. Com dados que assustam. Muitas companhias lucram infelizmente, com esta degradação e perda de anos de vida saudável e longevidade das populações e parece que desenvolvimento acaba, por contradição, por ser sinónimo de sofrimento. Cometemos muito este erro. De confundir satisfação com dor e prazer com causas de sofrimento. Creio que deveríamos refletir seriamente naquilo que andamos a comer,

7516-A/2016 (que ouviu a Ordem dos Médicos e a Ordem dos Nutricionistas), provavelmente peca – mas por defeito. Como disseram muitos e bem, nas reações à publicação do despacho, que tal retirar também esses produtos das outras unidades de saúde (privadas), das escolas, de todos os estabelecimentos de ensino – em suma, do mercado. Parece radical eu sei, mas é assim mesmo. Medidas como esta, ou sujeitar a uma taxa de IVA reduzida os produtos alimentares tidos como mais essenciais ou saudáveis e os “vilões” à taxa de 23% – tal como faz entre nós o nº 1 do artigo 18º do Código do IVA – são a solução possível e sem dívida adequadas e louváveis, mas, a meu ver, não chegam. Tal como não chegou aumentar os impostos do tabaco.

Na minha infância, e não sou tão velha assim, não havia tamanha quantidade e variedade de produtos processados, nem a publicidade era tão agressiva. Mas hoje em dia a oferta é enorme e a informação extremamente enganosa – recordo há uns poucos de anos, quando foi publicamente denunciado que a informação nutricional de várias marcas de cereais infantis fazia referência às DDR (Dose Diária Recomendada) de adulto em produtos destinados a crianças pequenas...

E qualquer um de nós se pode tornar um “serial snacker” ou ser apanhado a comer Maltesers. Mesmo cá fora do Parlamento.

Os problemas de saúde (comprovadamente) causados por uma má alimentação e maus hábitos em geral sobrecarregam o SNS. E não faz sentido andarmos todos a pagar mais por isso, direta ou indiretamente. É a reflexão que deixo.

Os problemas de saúde (comprovadamente) causados por uma má alimentação e maus hábitos em geral sobrecarregam o SNS. E não faz sentido andarmos todos a pagar mais por isso, direta ou indiretamente

Comissão Parlamentar de Saúde. O objetivo é limitar a oferta destes alimentos nas máquinas de vending do SNS, coerentemente com os eixos estratégicos definidos pelo Plano Nacional de Saúde (2012 – 2016). Com efeito, e conforme destaca o Ministério, os maus hábitos alimentares são o fator de risco que mais anos de vida saudável tira aos portugueses – cerca de 19%. Será só aos portugueses?

influenciados pela publicidade e pelas nossas emoções, (maus) hábitos e mitos alimentares. E nas consequências que isso tem. Comer de acordo com a nossa natureza é algo que deixámos há muito de fazer.

Na verdade não precisamos de açúcar branco, sal refinado, comida esturricada e processada – com exércitos de aditivos, nem de matar ou explorar animais para comer. E a lista do despacho